

**Redes articulando experiências, experiências (re) articulando redes:
a importância de redes sociais nas trajetórias e experiências de mulheres valadarenses
que emigraram para os Estados Unidos**

**Networks linking experiences, experiences (re) articulating networks:
the importance of social networks in the trajectories and experiences of women of
Governador Valadares who emigrated to the United States**

Elton Francisco

Doutorando, PPGH-UFSC
eltongamboa@hotmail.com

Resumo: Esta comunicação tem o objetivo de apontar para a importância de redes sociais nas trajetórias e experiências de mulheres de Governador Valadares (MG) que migraram para os Estados Unidos e mais especificamente na relação destas mulheres com o mercado de trabalho norte-americano: como estas redes as ajudam a ingressar neste mercado de trabalho, as direcionam para postos de trabalhos específicos e influenciam nas relações de trabalho cotidianas. O trabalho é embasado nas memórias e experiências de 12 dessas mulheres retornadas daquele país e a construção das narrativas orais foi possível a partir da realização de trabalho de campo naquela cidade em maio de 2007 e janeiro de 2010.

Palavras-chave: e/imigração; redes sociais; mulheres valadarenses

Abstract: This communication is intended to point to the importance of social networks in the trajectories and experiences of women from Governador Valadares (MG) who migrated to the United States and more specifically in their relationships with the American labor market: how these networks help them enter this labor market, direct them for specific jobs and influence in everyday working relationships. The communication is grounded in memories and experiences of 12 of these women returned from USA, and the construction of qualitative interviews was possible after completion of fieldwork in city in May 2007 and January 2010.

Keywords: immigration; social networks; Valadares' women; labor market.

A emigração de brasileiros para o exterior em números significativos é um fenômeno recente que se inicia esporadicamente na década de 1960, intensifica-se ao longo da década de 1980 e atualmente faz parte do cotidiano de milhares de habitantes de cidades como Governador Valadares (MG), Criciúma (SC) e Maringá (PR). Nesta comunicação analiso a configuração desse fluxo a partir da cidade de Governador Valadares, conhecida no país e no exterior pelo fluxo significativo de seus habitantes rumo aos Estados Unidos e, mais recentemente, rumo a Europa. Atualmente, esta conexão iniciada na década de 1960 se mantém constante na medida em que os sistemas de telecomunicações e a mídia têm o

potencial de permitir às redes sociais frequentes conexões, transcendendo fronteiras nacionais e ligando redes domésticas através de grandes distâncias (FRANCISCO, 2011).

No fluxo de emigração de Governador Valadares para os Estados Unidos essas redes sociais foram de fundamental importância no seu processo de constituição e um relativo processo de “amadurecimento” por elas experimentado possibilitou a gradual intensificação deste fluxo, modificando a vida cotidiana e os espaços físicos da cidade. Deste modo, podemos inferir que um dos aspectos que configuram os fluxos e/imigratórios contemporâneos é a formação de redes sociais que potencializam para o e/imigrante uma rede de relacionamento com amplas possibilidades de trocas de experiências, de informações, relações econômicas, culturais e simbólicas, cuja consequência é a diminuição dos custos econômicos e psicológicos encontrados na experiência emigratória desses sujeitos.

Estudos recentes sobre estes fluxos/processos e que levam em consideração o papel desempenhado por estas redes de apoio têm permitido observar que as mulheres são hábeis em sua articulação, contribuindo para a manutenção das mesmas, gerando novas migrações e participando ativamente no processo de adaptação dos novos imigrantes. Alguns estudos também acentuam o fato de que o acesso de pessoas às redes sociais e as trocas que nelas ocorrem são direitos e responsabilidades informados pelo gênero e pelas normas de parentesco. Um significativo número de mulheres valadarenses se apoiou nas redes sociais tecidas ao longo do período de existência do fluxo que parte de Governador Valadares e rumo aos Estados Unidos com a intenção de “fazer a América”.

Esta comunicação tem o objetivo de apontar para a importância das redes sociais nas trajetórias e experiências de mulheres de Governador Valadares (MG) que migraram para os Estados Unidos e mais especificamente na relação destas mulheres com o mercado de trabalho norte-americano: como estas redes as ajudam a ingressar neste mercado de trabalho, as direcionam para postos de trabalhos específicos e influenciam nas relações de trabalho cotidianas. O trabalho é embasado nas memórias e experiências de 12 dessas mulheres retornadas daquele país e a construção das narrativas orais foi possível a partir da realização de trabalho de campo naquela cidade em maio de 2007 e janeiro de 2010.

Também se pretende dar alguma visibilidade às experiências destas mulheres que frequentemente têm tais experiências esmaecidas pelo uso do termo “migrante brasileiro” que não visibiliza a diversidade étnica, de classe e de gênero que constitui este fluxo migratório. Embora, e é importante que se diga, não há como explorar devidamente a riqueza das

experiências contidas nestas narrativas em um texto de tamanha brevidade. Por este motivo, o importante papel desempenhado pelas redes sociais em toda a trajetória migratória das mulheres entrevistadas não será contemplado, de modo que esta discussão estará centrada apenas nas suas experiências com o mercado de trabalho norte-americano.

Migrando, tecendo: o conceito de redes sociais

Os primeiros casos de emigração de valadarenses para os Estados Unidos datam do final da década de 1960. As mulheres eram jovens na faixa etária de 20 a 30 anos, tinham em média oito anos de escolaridade e foram motivadas, tal como os homens, pelo desejo de conhecer um país rico e de grandes oportunidades, ainda que percorrendo uma trajetória distinta da maioria das mulheres de sua época, que era permanecer enquanto os homens emigravam, pois emigrar parecia coisa de homem, não de mulher (ASSIS e SIQUEIRA, 2008). No período inicial da constituição deste fluxo 30% dos emigrantes eram mulheres, segundo Maxine Margolis (1994). Mais recentemente, Sueli Siqueira (2006) em pesquisa realizada na região de Boston e Framingham encontrou em 2004 um percentual ligeiramente maior de mulheres, 51,1% contra 48,9% de homens. Os dados de Siqueira demonstram que esta migração feminina tem acompanhado a média de crescimento mundial, uma vez que, e segundo os dados das Nações Unidas para o ano 2000, a média de mulheres nos fluxos migratórios globais ficava na faixa dos 48,8%, e essa média é ligeiramente superada nos países mais desenvolvidos, casos em que as mulheres constituem mais da metade do total de emigrantes (VICENTE, 2006, p.206).

Este aumento no número de mulheres no fluxo valadarenses está associado ao amadurecimento das redes sociais, iniciadas na década de 1960 e que elas ajudaram a criar e sustentar, e com o fato das mesmas se apoiarem mais nas redes de parentesco. Segundo pesquisa realizada em Governador Valadares em 1997, 22,6% delas indicaram como principal motivo da sua migração a reunificação familiar (ir ao encontro de pais, cônjuges, filhos etc.) contra apenas 3,2% no caso dos homens. A mesma pesquisa indica que 65,1% delas conheciam parentes no lugar de destino nos EUA, contra 50,5% no caso dos homens. Assim como, 44,6% delas contou com o apoio financeiro da família, enquanto no caso masculino, 37,3% o fizeram (FUSCO, 2001). Esses dados nos revelam a importância conferida às redes

sociais no fluxo que parte de Governador Valadares, que são as mulheres que melhor se apropriam dos recursos disponibilizados pelas mesmas, que o projeto migratório é planejado coletivamente, fazendo parte das estratégias familiares para melhorar suas condições de vida e que neste fluxo se envolvem não só aqueles que migram, mas também aqueles que permanecem na cidade.

Nas últimas décadas, estudiosos dos fluxos migratórios internacionais têm dado destaque ao enfoque baseado na análise de redes sociais (Massey, 1987; TILLY, 1990). Este enfoque tem permitido perceber as condições em que efetivamente se dá a migração e relativizar teorias que salientam sobremaneira os seus aspectos econômicos. O conceito de redes sociais ajuda a compreender o deslocamento de valadarenses na conexão com os Estados Unidos porque potencializa para o emigrante uma rede de relacionamento com amplas possibilidades de trocas de experiências, de informações, relações econômicas, culturais e simbólicas (DOMINGUES, 2008). Desta forma, as vindas e idas ao Brasil, a troca de cartas, os telefonemas, os presentes enviados a parentes e amigos, as remessas enviadas ao Brasil para alguma finalidade, mais recentemente a comunicação pela internet, bem como a obtenção de outras informações necessárias ao projeto de migrar, são exemplos das relações transnacionalizadas estabelecidas nesta relação “local-global”.

Neste e outros trabalhos partilho do conceito do sociólogo Douglas Massey que concebe a rede social como sendo a “teia de relações sociais interligadas, mantida por um conjunto de expectativas mútuas e de comportamentos determinados, que apóia o movimento de pessoas, bens e informações, que une migrantes e não-migrantes, que liga comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino” (MASSEY, 1987). Para ele, a confiança depositada em amigos, parentes e conhecidos já estabelecidos no país de destino minimizam e espalham os possíveis riscos encontrados nas trajetórias dos e/imigrantes.

Redes sociais, cotidiano, mercado de trabalho: vivências e conflitos

Porque foi logo no começo que o pessoal começou a falar em EUA, duas pessoas conhecidas já tinham ido, mas eu fui em 1989. Vários amigos começaram a ir e telefonar de lá para o pai da Luzia (filha, grifo meu), dizendo que tava bom e tudo, que tinha oportunidade de trabalho, de comprar casa, e aqui não, a oportunidade é muito pouca! Aí ele falou assim: “vamos casar e vamos embora?” Ele foi na frente e o meu pai me levou

porque eu era muito nova, tinha só dezessete anos, ele falou: “eu vou porque fico com medo dela ir e não se adaptar em outro país!”. (Lucí, 42 anos, migrou em 1989, entrevistada por Gláucia de Oliveira Assis, Gisele Meriz e pelo autor em 05/05/2007, Governador Valadares. Transcrição do autor).

Depois de um casamento realizado por procuração e às pressas, Lucí partiu para os Estados Unidos atrás do marido que partira há poucos meses, em 1989, ápice deste fluxo. A família a ajudou durante todo o processo e o pai a acompanhou até os Estados Unidos, permanecendo também ele por muitos anos naquele país. Como no caso de Lucí, a maioria das mulheres retornadas com quem tive o prazer de conversar em Governador Valadares contaram com a ajuda da família, amigos e conhecidos no planejamento e execução do projeto migratório. É através dessas redes (que podem ser caracterizadas como redes familiares, de amizade e de origem comum e que em alguns casos se articulam também com as redes religiosas e de tráfico de pessoas) que se consegue apoio “moral” e financeiro, que se obtém as informações necessárias para migrar (seja com documentos verdadeiros, “montados” ou informações sobre a travessia da fronteira mexicana), que se consegue hospedagem, alimentação e trabalho quando se chega ao destino, e em alguns casos, que se obtém ajuda até mesmo para o retorno.

Depois de todo o processo de planejamento do projeto migratório, da viagem, recepção e acomodação naquele país, no qual as redes sociais desempenham papel fundamental, a principal preocupação das emigrantes passa a ser a obtenção de um trabalho que lhes propicie “fazer a América”, ou tornar “bem sucedido” seus projetos migratórios. A análise da relação das emigrantes com o trabalho é de suma importância pois como observou Abdemalek Sayad (1998), o que define a condição do migrante é justamente o trabalho. É também a partir das relações estabelecidas nos espaços de trabalho que as imigrantes vão moldando outras características do seu cotidiano nos Estados Unidos: novas amizades, lazeres, a aprendizagem do idioma, informações sobre processos de legalização etc.

Geralmente, as mesmas redes sociais que apóiam estes momentos iniciais da trajetória migratória (e no caso das mulheres, principalmente as informadas pelo parentesco) são as que auxiliam na procura do primeiro emprego. Segundo SASSEN (1995 *apud* FUSCO, 2001) as redes sociais criam reservas de mão-de-obra para ocupações específicas, restringem a mobilidade ocupacional, distribuem informações sobre vagas de emprego e influenciam no comportamento do migrante e do mercado de diversas formas. Ou seja, auxiliados por

parentes e conhecidos já estabelecidos, os novos imigrantes se agregam às atividades que já vêm sendo por eles realizadas, de modo que trabalharão em restaurantes, hotéis, na construção civil e mesmo nos trabalhos de limpeza de casas. Contudo, e apesar deste direcionamento, nos Estados Unidos os imigrantes irão tradicionalmente ocupar postos de trabalhos reservados aos imigrantes em um mercado de trabalho segmentado em primário e secundário. O secundário é geralmente destinado aos imigrantes, sobretudo às mulheres e adolescentes, e caracterizado por baixos salários, precárias condições de trabalho, pouca segurança e alta rotatividade, em contraposição ao primário, que se caracteriza por estabilidade no trabalho, altos salários e possibilidades de ascensão hierárquica¹ (PIORE e DOERINGER, 1971 *apud* FUSCO, 2001).

A experiência migratória das brasileiras se insere num contexto de crescente mobilidade feminina global, resultado de uma complexa rede de relações decorrentes dos contextos socioeconômicos e culturais dos países de origem e de destino. Para os primeiros, estas migrações são bastante vantajosas na medida em que a(o)s emigrantes enviam remessas monetárias para suas famílias no “local”, dinamizando tais economias. No Brasil, o município de Governador Valadares é o que mais se beneficia com essas remessas segundo pesquisa de Martes e Soares (2006). Em contrapartida, os países de destino, ditos “desenvolvidos”, vêm flexibilizando as condições de trabalho para as mulheres na medida em que o “crescente enxugamento dos benefícios obtidos durante o *boom* do Estado de Bem-Estar Social tem demandado toda ordem de serviços informais, desde o trabalho doméstico, até o cuidado com idosos, doentes e crianças” (LISBOA, 2007).

Na verdade, uma pessoa falando com a outra, “ah, chegou uma brasileira e tá precisando de trabalhando”, então os brasileiros se comunicavam e eu lembro que a gente fazia a aplicação que era tipo currículo e levava nos lugares, mas infelizmente naquela época, como até hoje eu acho que existe lá, a gente fazia *social security* pra trabalhar, não vamos mentir aqui, (risos) e os brasileiros todos já sabiam quem fazia essa documentação, eu fiz com duas semanas porque tinha que ter este documento pra trabalhar, mesmo falso, tinha o *green card* também, eu até já destruí isso, eu falei “não quero

¹ Neste mercado de trabalho e segundo Valéria Cristina Scudeler (1999), os imigrantes valadarenses contam com uma possibilidade de mudança ocupacional positiva muito restrita, mesmo depois de um longo período de permanência, o que para a autora, contraria as idéias de teóricos como Michael Piore (1979) e Alejandro Portes (1981) que sugerem uma melhora no perfil de ocupações dos imigrantes que conseguem se legalizar. Para ela, tal processo ocorre apenas de forma marginal e a maior ascensão social que os valadarenses podem atingir é tornarem-se donos de algum pequeno negócio, e eu acrescento: quase sempre restrito às comunidades étnicas da qual fazem parte.

mais nada falso na minha vida” (risos). (Silvana, 43 anos, migrou em 1994, entrevistada pelo autor em Governador Valadares em 06/02/2010. Transcrição do autor).

Com duas semanas que eu estava lá eu já consegui trabalho, primeiro eu trabalhei num restaurante e depois eu fui pra outra cidade porque eu estava em Boston, depois eu fui pra Virginia, onde os irmãos do meu ex-marido viviam. Então eu comecei a trabalhar na casa de uma das clientes dele, eu trabalhei no meio dos homens também, mexendo com *paver* que é piso lá, eram 16 homens e só eu de mulher (risos), eu trabalhava na máquina, toda vestida para o trabalho mesmo, ficava toda suja, mas nesse serviço eu trabalhei só dois meses. Depois comecei na faxina também (...) (Carmem, 38 anos, migrou em 2002, entrevista realizada pelo autor em 29/01/2010 em Governador Valadares. Transcrição do autor).

Assim como Silvana e Carmem, a maioria das emigrantes conta com o apoio de outros membros das redes das quais fazem parte para adentrar o mercado de trabalho nos Estados Unidos, obtêm informações sobre possibilidades de vagas e algumas vezes para preparar a documentação necessária (legal ou ilegalmente). Começam trabalhando em restaurantes, como babás, garçonetes, camareiras e com o tempo vão “migrando” para o trabalho de *housecleaners* (trabalho de limpeza). A introdução no trabalho da faxina geralmente é feito com a ajuda de outras brasileiras para as quais vão trabalhar inicialmente, pois o trabalho da faxina exige certos conhecimentos de inglês, bons relacionamentos, carro para se deslocar de uma casa a outra e principalmente o *know how*, uma vez que a faxina realiza nos Estados Unidos é bem diferente daquela realizada no Brasil, dispensando o uso de muita água para esfregar chão e limpar o banheiro, passando aspirador de pó em quase toda casa e utilizando produtos de limpeza quimicamente fortes, por exemplo.

O fluxo migratório do qual elas partem é caracterizado como “migração de trabalhadores” já que (80%) dos emigrantes valadarenses admitem ser o fator econômico o principal estímulo individual para migrar (FUSCO, 2001). No entanto, como discutíamos anteriormente, os postos de trabalhos a serem ocupados por eles se restringem a uma pequena gama de ocupações em função da segmentação do mercado de trabalho norte-americano também por gênero, classe e etnia. As oportunidades de trabalho estão presentes em setores de serviços que exigem pouca qualificação, pouco conhecimento da língua, com remuneração mais baixa e com condições de trabalho mais precárias, sendo por isso considerados os de menor *status*, ou seja, os imigrantes fazem os serviços que “os americanos não querem ou não sabem fazer direito”. Segundo FUSCO (2001), e até 1997, das brasileiras que possuíam

alguma ocupação remunerada nos EUA (43%) estavam na condição de empregadas domésticas ou de faxineiras, (5,0%) trabalhavam como *baby sitter* e (50,7%) se distribuíam entre outras diversas atividades. Os homens se concentravam mais no trabalho de restaurantes como garçons, ajudantes e lavadores de pratos (23,9%) e na construção civil (12,7%).

Como destacou a socióloga Teresa Kleba Lisboa (2007, p.814) nos fluxos migratórios globais de mulheres, os serviços de faxineira, diarista, trabalhadora doméstica, babá, ou mesmo os serviços do chamado *home care*: atendimento a idosos, doentes e crianças, como destacado por Helena Hirata para o caso europeu (2009, p.32), têm sido ocupações bastante procuradas por mulheres nestes fluxos já que exercem importante papel na inserção das migrantes nos mercados de trabalho e nos contextos socioculturais das sociedades receptoras justamente porque exigem pouca qualificação e porque culturalmente estas são atividades percebidas como desenvolvidas por “mulheres”.

Nos Estados Unidos as imigrantes valadarenses percebem na faxina, ou no serviço doméstico de forma geral, uma boa oportunidade de realizarem seus objetivos, pois é um serviço que apesar do baixo *status* garante um bom retorno financeiro e certa autonomia, considerado por elas como sendo um “negócio”, um “*business*”. Uma faxina custa em média 50 dólares e dura aproximadamente duas horas em cada casa, o que permite que várias casas sejam limpas em um único dia de trabalho. É comum que elas criem os chamados *schudele* que consiste em uma agenda estruturada que distribui as casas ao longo dos dias da semana e pode conter casas semanais, quinzenais ou mensais. Como já salientaram em seus trabalhos Assis (2004) e Fleischer (2002) o caráter de negócio que adquire a faxina, por ser considerado bem remunerado e por ser “autônomo”, confere autonomia e prestígio às imigrantes na comunidade brasileira, o que dota a faxina lá realizada de *status* diferente daquela realizada no Brasil, motivo que leva muitas delas a aceitar e justificar a inversão de papéis: muitas delas passaram de patroas no Brasil à faxineiras nos Estados Unidos.

Para Ana Cristina Braga Martes (2000) as faxinas são conseguidas através da venda do *schudele*, o que permitiu a ela questionar a idéia de “solidariedade étnica” implícito nas redes sociais, embora essa não seja a regra, pois muitas vezes as casas para faxina são doadas devido aos laços de amizade e parentesco como demonstrou Soraia Fleischer (2002) analisando as brasileiras em Boston e Gláucia de Oliveira Assis (2004) analisando, também em Boston, as emigrantes criciumenses, em particular.

Analisar a dinâmica migratória pela atuação dos indivíduos migrantes em uma determinada malha social (redes sociais) é importante também na medida em que demonstra não só os laços de solidariedade étnica visíveis nos auxílios obtidos seja no trajeto até os Estados Unidos, na adaptação naquele país, na procura do primeiro emprego etc., por exemplo, mas também que esses laços são caracterizados também por conflitos e ambiguidades no interior dos grupos étnicos ou em oposição a outros. No caso da venda das faxinas, Gláucia de Oliveira Assis (2004) demonstrou que apesar de ter constatado não só casos de venda de faxina, mas também doações de *schedule* de trabalho, não viu nenhum caso de venda de faxinas para outros grupos de imigrantes, o que revela as ambiguidades em torno desse “negócio”. Em seu estudo sobre as imigrantes mexicanas nos Estados Unidos, Hondagneu-Sotelo (1994) demonstra que a venda de faxina entre esse grupo de imigrantes não é uma realidade, existindo apenas os casos em que as faxinas são apenas transmitidas para amigos, parentes ou conhecidos.

Quando eu trabalhava nesse hotel eu também limpava casas com uma brasileira, ela era dona e pagava acho que 20 dólares por casa, dependendo da casa até 15, e além de ela pagar mal, ela era um pouco ignorante com a gente. Se eu ficasse das 7 da manhã até as 4 da tarde limpando casa com ela, eu mal tinha tempo de parar pra lanchar e ela não, ela parava, ia na cozinha dos americanos e esquentava o sanduíche dela e eu lá, como uma louca trabalhando e ela era ignorante, inclusive, quando eu deixei de trabalhar com ela, graças a Deus ele me enviou um trabalho melhor que foi nesse asilo porque eu vejo assim, que as pessoas exploram quando você não sabe inglês, quando não tem condição de arrumar trabalho melhor, de arrumar trabalho fixo, então é um trabalho muito explorador, principalmente esse de ajudar brasileiro, muito triste! O americano valoriza e não é exigente porque a gente já trabalha bem sem exigência e o brasileiro pelo fato de já saber trabalhar, ele exige de você mesmo pagando mal, é a verdade, (risos), e não foi isso que eu fiz com as pessoas não, quando eu vim embora, as casas que tinha eu dei pras pessoas, eu não vendi como os brasileiros vendem, eu acho isso horrível, os brasileiros ganham as casas e quando chega a hora de voltar pro Brasil ou mudar de trabalho, eles vendem os *schudele* de casa. Nossa! Essa própria amiga minha que eu dei as casas quando eu vim embora em 96, eu dei seis casas pra ela e com três anos que eu tinha vindo embora ela já tinha ganhado umas 15 casas, através dessas casas que eu dei pra ela, era um *schudele* enorme, e quando ela foi embora pra Flórida, ela vendeu esse *schudele* por 5 mil dólares. É triste porque você ganhou então porque você não ajuda os outros? (Silvana, 43 anos, migrou em 1994, entrevista citada).

A narrativa de Silvana é elucidativa no sentido de demonstrar que nas experiências das valadarenses as redes sociais são perpassadas por expectativas que envolvem relações de

solidariedade e ajuda mútua, embora em alguns momentos estas assumam características do conflito e da ambiguidade. Tais conflitos ocorrem no cotidiano das relações estabelecidas entre os brasileiros devido à competição gerada pelos trabalhos da faxina ou mesmo por uma reclamação das tradicionais identidades de gênero, quando por exemplo, homens e mulheres, ao trabalharem juntos, têm de repensar suas obrigações domésticas e seus comportamentos sociais. Conflitos estes que se dão também em oposição a outros grupos de imigrantes. Tratando da experiência das criciumenses, Gláucia de Oliveira Assis (2004) acredita que é importante matizar que solidariedade e competição fazem parte das relações nos grupos imigrantes e são acionadas em diferentes momentos e contextos ao longo do processo migratório. A autora relembra que no caso das vendas de faxinas a reciprocidade continua existindo já que há um ganho substancial para quem compra o ponto, como a confiança dos futuros patrões, o serviço nas casas e a possibilidade de ter o seu próprio “negócio”.

Outra forma de ambiguidade e conflito, a partir das redes sociais e no interior da comunidade brasileira nos Estados Unidos, percebido através dos relatos das entrevistadas foi o trabalho desenvolvido com ou para outros brasileiros. Para elas, os brasileiros de forma geral preferem trabalhar para os próprios norte-americanos uma vez que estes não apenas “gostam” do trabalho realizado pelos brasileiros como também reconhecem e valorizam tais trabalhos. Os empregadores brasileiros, em contraste e paradoxalmente, são vistos como “exploradores” já que o trabalho realizado para e com eles é menos remunerado e mais exigido. O relato de Carmem apresentado a seguir também destaca certa desvalorização do trabalho realizado por ela em função da sua condição de mulher.

Eu não posso reclamar, quando eu trabalhava na galeria mesmo eram 11 funcionários, todos americanos, só eu de brasileira mesmo, eles eram super carinhosos, pacientes, me ensinavam a língua, eu nunca tive o desprazer, como eles falam que os americanos são rudes, são isso ou aquilo, eu não posso reclamar nesse ponto, tanto que a minha patroa me deu a passagem executiva, eu vim para o Brasil de avião cinco estrelas. Eu trabalhei pra um brasileiro, menos de dois meses até, mas era o irmão do meu ex-marido, eles queriam realmente explorar, a mulher principalmente, eles perguntavam “você podia ir embora mais cedo?” eu dizia – não, aqui todo mundo ganha por hora, eu também vou trabalhar as horas que vocês trabalharam porque o serviço continua! “Mas você podia ir pra casa fazer uma comida e tal”, eu disse - não, se você quiser a comidinha na hora chama a sua mulher lá no Brasil e manda ela fazer porque eu to aqui pra trabalhar! (risos) (Carmem, 38 anos, migrou em 2002, entrevista citada).

O relato de Carmem é significativo, dentre outros motivos, na medida em que demonstra que a diferença temporal que separa os imigrantes brasileiros “mais antigos” dos mais “recentes” sugere uma certa relação de poder na qual alguns membros do primeiro grupo “explora” o segundo. Esta prática pode não ser generalizada mas os casos no qual isso ocorre evidenciam que as redes sociais ao mesmo tempo em que representam uma oportunidade aos imigrantes recém chegados também limitam o acesso ao mercado de trabalho, ficando estes restritos aos postos fornecidos pelas redes nas quais circulam.

Estes conflitos no interior de um mesmo grupo de imigrantes foi observado em termos geracionais por Jariego, García e Ramírez (1999) ao analisarem o caso das imigrantes peruanas em Sevilla, na Espanha. Segundo os autores, na época em que realizaram a pesquisa e a publicaram em 1999, este grupo de imigrantes era claramente dividido entre duas gerações de mulheres. O grupo das mulheres que chegou à Andalúcia nos anos de 1990 e 91 possuía uma média de idade ligeiramente maior que o grupo daquelas que chegaram nos últimos anos desta mesma década. Os conflitos ocorridos entre elas e observados pelos autores, entretanto, não estavam baseados apenas nesta diferença de idade, mas também por conta das suas diferentes experiências migratórias, bem como, dos estereótipos derivados das mesmas. O grupo das mais velhas ao chegarem em Andalúcia encontraram uma situação econômica mais precária e com “redes de apoio social” menos consolidadas, mas apesar disso, conseguiram trocar suas ocupações em um nicho de mercado mais genérico: o serviço doméstico, por um mais específico e melhor remunerado: o cuidado de idosos.

Esses conflitos em certa medida justificados não só pela diferença temporal encontrada entre a chegada de uns e outros imigrantes, mas também pelas diferenças de elementos que singularizam as experiências migratórias, como no caso das peruanas em Sevilla, demonstram a construção de uma relação na qual o grupo dos “estabelecidos” exerce poder sobre o grupo dos recém chegados, os “outsiders”, isso porque os primeiros tiveram mais tempo para absorver determinados códigos sociais da sociedade de destino, compreender certas regras de funcionamento e usá-las a seu favor.

Os termos “estabelecidos” e “outsiders” definem-se na relação que as nega e demonstram a construção de identidades sociais. Eles foram formulados por Norbert Elias e John L. Scotson (2000) ao analisar a relação entre dois grupos de trabalhadores industriais urbanos em um bairro antigo no sul da Inglaterra, de nome fictício *Winston Parva*. Ao redor deste bairro relativamente antigo se formaram dois pequenos agrupamentos de ocupações

mais recentes. Os moradores recém chegados foram estigmatizados pelos já estabelecidos como *outsiders* somente em função da diferença temporal que existia entre a ocupação do bairro e das novas povoações uma vez que não se diferenciavam em classe, raça, cor, ocupação, religião ou nacionalidade.

Guardadas as proporções, a teoria de Elias e Scotson (2000) demonstra que a superioridade social e moral, bem como a exclusão social são facetas constitutivas da “sociedade dos indivíduos” e ilustram como estas características também fazem parte das redes sociais que unem migrantes e não migrantes na contemporaneidade na medida em que demonstram as relações de poder intrínsecas aos relacionamentos entre os já estabelecidos e os recém chegados. Contudo, nos Estados Unidos, os conflitos e o estabelecimento de relações de poder não ocorrem apenas no interior dos grupos étnicos, mas também entre eles, e no caso das brasileiras, a faxina pode ser considerada como uma forma de conflito no relacionamento estabelecido com imigrantes de outras nacionalidades, sobretudo com as hispânicas (imigrantes latinas de língua espanhola) que concorrem no mesmo ramo como bem demonstrou Fleischer (2002), o que exige das brasileiras uma positividade dos trabalhos que as mesmas realizam para os norte-americanos.

Querendo ou não a gente trabalha melhor do que os americanos, a gente limpa uma casa muito melhor, limpa um hotel muito melhor, arruma a cama, tudo muito melhor, então eles valorizam isso e isso que eu acho importante nos EUA, eu nunca tive ato de discriminação no trabalho, eles sempre valorizam isso na gente, pode ter pessoas que já tiveram mas eu nunca tive, era elogiada até demais, já trabalhei em asilo, em hotel, limpando casa pra americano e eu consegui as casas, nunca comprei *schudeler* como as pessoas compram, não (Silvana, 43 anos, migrou em 1994, entrevista citada).

Com os americanos eu também me dava bem, apesar de não falar inglês porque eu me movimentava mais no meio dos brasileiros do que dos americanos mas mesmo assim eu pude fazer um bom trabalho nos hotéis onde eu trabalhava, nos restaurantes que eu trabalhei, a gente não fala o inglês mas entende bastante então dá pra gente ter um ótimo relacionamento e o trabalho do imigrante brasileiro é um trabalho que eles gostam muito porque brasileiro pega pra valer mesmo e faz bem feito, então eles amam o trabalho da gente então a gente tinha uns privilégios por causa disso (Tânia, 70 anos, migrou em 1989, entrevista realizada pelo autor em 07/02/2010 em Governador Valadares. Transcrição do autor).

Segundo as narrativas das valadarenses que entrevistei em Governador Valadares o trabalho doméstico realizado por elas é “muito bem visto” pelos norte-americanos, e embora nenhuma delas dissesse explicitamente que os trabalhos por elas prestados a eles eram

melhores do que os prestados por imigrantes de outras nacionalidades foi possível observar uma certa “defesa do campo”. E já que toda construção identitária parte da diferenciação de um “outro”, a construção da identidade de boas trabalhadoras, neste caso, se deu por oposição ao trabalho realizado pelos próprios norte-americanos e também pelo reconhecimento dos mesmos com relação a esta “superioridade” das brasileiras, pois segundo elas os *americanos gostam do trabalho das brasileiras*, motivo pelo qual recebem *elogios* e certos *privilégios*. São estes “privilégios”, portanto, o que as diferencia das imigrantes de outras nacionalidades.

Assim, a construção desta identidade de “boas trabalhadoras” foi o que permitiu a criação de um nicho de trabalho para as emigrantes brasileiras nos Estados Unidos (MARTES, 2000; ASSIS, 2004, MELO, 2003, FLEISCHER, 2002). Como já demonstrou Teresa Sales (1999), os brasileiros tentam construir nos Estados Unidos uma imagem de “povo trabalhador”, imagem também retratada na imprensa americana. Ao construírem uma auto-imagem percebem-se como *bons de trabalho*, caprichosos e atenciosos, que limpam *melhor* do que imigrantes de outras nacionalidades ou do que os próprios norte-americanos, como ressaltou Silvana em seu relato. Esta constituição identitária pode ser pensada dentro de um quadro mais amplo de construções de estereótipos e representações no conjunto das redes internacionais de migrações que definem e caracterizam hierarquicamente diferenças étnicas, raciais e de gênero.

Para o caso das mulheres e assim como destaca Lisboa (2007, p.812), as filipinas são preferidas por serem mais dóceis e submissas, as polonesas e russas pela beleza exótica, as latinas pela disposição e força para o trabalho e as mulçumanas, em sua maioria negras, raramente são contratadas por representar a dicotomia do modelo de mulher e mãe européia. Para o caso das brasileiras nos Estados Unidos, às representações de sensualidade e beleza, relacionadas na Europa com a imagem da prostituição e da discriminação, agrega-se a imagem de uma mulher carinhosa, boa mãe e boa esposa, bem como boa trabalhadora. Tais imagens positivadas por elas próprias lhes conferem uma distinção quando comparadas aos homens brasileiros naquele país, o que significa para elas uma certa vantagem no mercado dos afetos (ASSIS, 2007).

Identitariamente, as brasileiras tentam criar uma representação coletiva que as diferencie principalmente do grupo das hispânicas (dominicanas, caribenhas, porto-riquenhas, mexicanas) uma vez que a maioria delas concorrem no ramo da limpeza e porque pertencem à grupos que estão há mais tempo estabelecidos nos Estados Unidos. Na opinião das brasileiras

entrevistadas por Fleischer (2002, p.246) os hispânicos são ligados à questões como violência, à formação de gangues, à criminalidade, ao tráfico de drogas e a uma menor formação escolar, se comparados aos brasileiros.

Muitos pensavam que eu era americana, mas os meus amigos, as minhas amigas mais morenas eles pensavam que eram hispânicas, pra eles todo mundo é latina ou hispânica, eu falava assim: “eu sou brasileira”, “ah mas você fala *spanish*?” Eu falava: “não, não é espanhol não, eu falo português”, “ah, mais é igual” Não, é um pouco similar, mas não é igual, daí eles falavam assim: a Brasil! (Lucí, 41 anos, migrou em 1989, entrevista citada).

Para o caso das brasileiras podemos considerar que, ao se situarem num contexto sociocultural diferente do que estavam acostumadas e trabalhando como empregadas domésticas e/ou cuidadoras em mercados de trabalhos segmentados por classe, etnia e gênero, em países “desenvolvidos”, essas mulheres se defrontam com um conflito de identidade que faz com que se agrupem a outras mulheres da mesma nacionalidade, bem como se diferenciem das de outras, seja através da afirmação de suas condutas ou caráter ou mesmo pela defesa da qualidade dos trabalhos que lá desenvolvem. Para Lisboa (2007, p.813), nesse processo conflitivo e dialético de construção de uma nova subjetividade, essas mulheres não estão apenas lutando contra discriminações de gênero, classe e etnia mas também afirmando sua identidade de empregadas domésticas e cuidadoras, de modo que elas têm na valorização das suas profissões “uma conquista de auto-estima e autoconfiança e um alicerce fundamental para seu processo de aculturação e emancipação”.

A constituição deste nicho de trabalho para as brasileiras nos Estados Unidos, o trabalho de *housecleaners*, se torna extremamente importante na medida em que, e a despeito de continuarem na situação de imigrantes ilegais, gera certa vantagem no restrito mercado de trabalho norte-americano, favorecendo-as não somente no processo de adaptação nesta sociedade como também influenciando no processo de redefinição de suas identidades de mulheres e de trabalhadoras, e ainda na visibilização da comunidade brasileira nos Estados Unidos como um todo. Uma vez que o trabalho da faxina tem sido o trabalho mais desempenhado pelas brasileiras nos Estados Unidos e por este motivo serem elas as que mais “atuam” no cenário norte-americano, já que trabalham nos espaços mais íntimos de uma sociedade, os lares, a pesquisadora Sonia Melo de Jesus pesquisando o trabalho das brasileiras em Boston, tentou demonstrar como elas ajudam, a partir do trabalho que lá desenvolvem, a formar uma “comunidade brasileira imaginada” nos Estados Unidos, motivo pelo qual se

apropriou do conceito de “comunidade imaginada” de Benedict Anderson (1991). A autora as caracterizou como as “protagonistas de um Brasil imaginário”, no sentido de que tal atuação é uma “fonte geradora de significados de uma comunidade híbrida e imaginada como sendo brasileira” (MELO, 2003, p.101).

Assim, o trabalho era sem dúvida a maior preocupação e ocupação do cotidiano das valadarenses entrevistadas quando ainda se encontravam nos Estados Unidos. Contudo, este cotidiano é marcado também por outras questões: como o aprendizado da língua, que no caso de algumas delas se deu também pela frequência em escolas bilíngues; pelas amizades com outros brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades que lhes proporcionavam a participação em festas como casamentos, batismos ou churrascos de finais de semana; pela frequência em igrejas norte-americanas ou brasileiras nas quais muitos brasileiros buscam refúgio quando *bate a saudade do Brasil*; pela preocupação com processos de legalização daquelas que pretenderam estender o tempo de permanência inicialmente planejado e mesmo a preocupação com o retorno ao Brasil, os investimentos aqui realizados e as possíveis consequências sociais e psicológicas deste retorno; e também pela rearticulação de redes sociais quando, por exemplo, têm de receber e oferecer assistência a parentes ou amigos recém chegados do Brasil. Enfim, como pude observar nas entrevistas com as imigrantes brasileiras retornadas dos Estados Unidos, as redes sociais se apresentam como fundamentais em muitos dos elementos que constituem suas experiências e trajetórias migratórias, inclusive nas suas relações cotidianas e com o mercado de trabalho daquele país como tentei aqui destacar.

Referências

ASSIS, Gláucia de Oliveira. De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. Tese de doutorado em Sociologia. Campinas, UNICAMP, 2004.

ASSIS, Gláucia de Oliveira e SIQUEIRA, Sueli. As mulheres na formação de redes de emigração. In: Seminário Fazendo Gênero, 8. Florianópolis: UFSC, 2008.

DOMINGUES, Devani Tomaz. Dos Estados Unidos da América para Governador Valadares: conexões e desconexões. Belo Horizonte: UFMG, 2008. (Dissertação de Mestrado)

- ELIAS, Robert. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.
- FLEISCHER, Soraya R. Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts. São Paulo, Anablume, 2002.
- FRANCISCO, Elton. Sustentando redes sociais, configurando outros espaços: tecnologias e famílias transnacionais em Governador Valadares. Revista de História. Salvador: UFBA, v.3, n.1, p. 93-119, 2011.
- FUSCO, Wilson. Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos. In: Migrações internacionais: contribuições para políticas. DF: 2001, p. 427-441.
- HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. Revista Sociologias. Porto Alegre: UFRGS, ano.11, n.21, p.24-41, 2009.
- JARIEGO, Isidro Maya, GARCÍA, Manuel Fco. Martínez e RAMÍREZ, Manuel García. Cadenas migratorias y redes de apoyo social de las mujeres peruanas en Sevilla. Demófilo: Revista de Cultura Tradicional de Andalucía, n.29, p.87-105, 1999.
- JESUS, Sonia Melo de. Protagonistas de um Brasil imaginário: faxineiras brasileiras em Boston. In: MARTES, Ana Cristina Braga e FLEISCHER, Soraia. Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- LISBOA, Teresa Kleba. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. Revista Estudos Feministas. Florianópolis: UFSC, v.15, n.3, p.805-821, 2007.
- MASSEY, Douglas S. et al. Return to aztlán. Los Angeles: University of California Press, 1987.
- MARGOLIS, Maxine. Little Brazil: an ethnography of Brazilian immigrants in New York City. New Jersey: Princeton University Press, 1994.
- MARTES, Ana Cristina Braga. Brasileiros nos Estados Unidos – um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MARTES e SOARES. Remessas de recursos dos imigrantes. Revista Estudos Avançados. São Paulo: USP, v.20, n.57, p.41-54, 2006.
- SALES, Teresa. Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, EUA. In: REIS, Rossana Rocha & SALES, Teresa. Cenas do Brasil Migrante. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 17-44.

SCUDELER, Cristina . Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA. In: REIS, Rossana Rocha & SALES, Teresa. Cenas do Brasil Migrante. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 193-232.

SIQUEIRA, Sueli. Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno. 2006. Tese de doutorado em Sociologia, UFMG, Belo Horizonte.

TILLY, Charles. Transplanted Networks. In: Yans-McLaughlin, Virginia, Immigration Reconsidered, NY, Oxford University Press, 1990, p. 79-95.

VICENTE, L. Trinidad. Importancia de los flujos migratorios de mujeres. In: BLANCO, Cristina (Org). Migraciones: nuevas movilidades en un mundo en movimiento. Rubí (Barcelona): Anthropos, 2006.